

O SISTEMA MUNDO NO PENSAMENTO DE ARRIGHI, WALLERSTEIN E FIORI: UM ESTUDO COMPARATIVO

Luiz Felipe Brandão Osório¹

RESUMO

O presente estudo ocupa-se da temática acerca do surgimento e do funcionamento do sistema mundial capitalista que norteia o comportamento dos Estados na incessante competição interestatal. A pesquisa terá, ao mesmo tempo, um viés analítico e comparativo, uma vez que aborda a perspectiva de três autores da política internacional, ressaltando suas convergências e suas divergências.

Semelhanças e divergências teóricas entre as abordagens críticas de Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e José Luis Fiori serão debatidas, com o escopo de entender melhor os fenômenos da hegemonia e da lógica do sistema interestatal contemporâneo. Por fim, a parte final desse texto cuidará da análise da conjuntura hodierna, com base na leitura alternativa da Economia Política Internacional de José Luis Fiori.

1. Introdução

Os estudiosos em debate, Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e José Luis Fiori, partem de uma matriz braudeliana de história e de um prisma de influência, ainda que em diferentes graus, neomarxista das relações internacionais. Dotados de grande espírito crítico, os autores analisam os desdobramentos da formação do sistema de poder mundial para os acontecimentos do mundo contemporâneo, o que lhes confere um olhar sistêmico sobre os fatos, o qual não se perde em detalhes, mas sim é corroborado a todo o momento, revelando o caráter competitivo da relação entre Estados.

Para Arrighi, a guerra permanente entre os Estados não degenerou em caos político e econômico devido ao comando do agente hegemônico, capaz de organizar o funcionamento hierárquico do sistema. Essa supremacia seria cíclica, alternando

¹ Mestrando em Economia Política Internacional na UFRJ e bolsista CAPES.

momentos de auge e de decadência, a qual seria marcada eminentemente pela desmedida expansão financeira e pela conseqüente crise de superprodução.

Já Wallerstein, particulariza sua visão ao organizar seu pensamento sobre o sistema mundo moderno como uma estrutura que admite uma hierarquia, dividida entre centro, semiperiferia e periferia, e que abrange duas esferas intimamente conectadas, a economia-mundo capitalista, constituída em torno da divisão internacional do trabalho, e o sistema interestatal, amalgamado pela necessidade da guerra. Após as mudanças globais iniciadas na década de 1970, o sociólogo enxerga-as como evidências da bancarrota no futuro próximo desse sistema mundo anglo-saxão.

Enquanto isso, Fiori constrói sua linha de raciocínio fundamentado na teoria do universo em expansão contínua. O poder seria a mola propulsora das relações internacionais, cuja incessante pressão competitiva leva os Estados a criarem, ao mesmo tempo, ordem e desordem, guerra e paz, o que não seria necessariamente um dos sintomas do declínio hegemônico.

A despeito dos três teóricos partirem, a princípio, de premissas semelhantes, os resultados alcançados diferem, cada qual com uma análise particular sobre as conseqüências futuras desse sistema interestatal. Sobretudo Fiori apresenta uma postura bastante divergente e com considerações específicas e interessantes acerca dos dois sociólogos estrangeiros.

Visando a uma melhor sistematização do estudo, o artigo foi dividido em quatro subpartes. Em primeiro lugar, a perspectiva arrighiana será abordada com o escopo de delinear as principais linhas do pensamento do autor sobre o sistema mundial. Em segundo lugar, comparativa e criticamente, será apresentada a matriz wallersteiniana de sistema mundo. Em terceiro lugar, será ressaltada a teoria de Fiori acerca da formação do sistema interestatal capitalista e suas críticas aos outros dois pensadores. Por fim, uma conclusão sucinta e crítica buscará resumir o debate entre os autores e posicionar-se acerca do estágio contemporâneo do sistema interestatal capitalista.

2. Giovanni Arrighi e a governabilidade do sistema mundial

Partindo do conceito de centro de gravidade mundial, o sociólogo italiano Giovanni Arrighi apresenta sua fundamentação sobre o sistema internacional contemporâneo, sustentando sua anterioridade aos Estados-economias-nacionais.

O autor explica a trajetória da atual conjuntura mundial como um momento no desenvolvimento histórico do sistema mundial moderno. Nascido na Europa do século XVI, antes que a centralização da maioria dos Estados-nacionais, o sistema-mundo foi o grande responsável pelo milagre capitalista europeu, cuja originalidade histórica combinou, de forma contraditória e dinâmica, uma economia-mundo capitalista que foi ganhando contornos mundiais com uma superestrutura política formada por Estados-nacionais independentes e extremamente competitivos, na constante busca pela acumulação de capital.

Essa acumulação de riqueza leva constantemente a conflitos entre as unidades interestatais. Logo, o sistema-mundo vive em estado de guerra permanente, uma vez que o movimento de capital é desigual e combinado, mal distribuído, cada vez mais concentrado nas mãos de poucos. Na disputa por proeminência econômica e, conseqüentemente, política, haja vista que a acumulação de riqueza e a de poder possuem dinâmicas semelhantes, o sistema só não se degenerou em caos político e econômico devido ao comando de quatro grandes agentes hegemônicos que foram capazes de organizar o funcionamento hierárquico do sistema ao longo dos séculos, quais sejam, Gênova, no século XVI; as Províncias Unidas, no século XVII; a Grã-Bretanha, no século XIX; e os Estados Unidos, no século XX.

Ainda nessa visão, essas hegemonias, apesar de seu papel estabilizador, não conseguiram eliminar os processos subjacentes de competição e de conflito dos Estados e dos capitais pelo poder e pela riqueza, que foram os grandes responsáveis pela repetição de algumas grandes crises e longos períodos de transição, momentos em que se reorganiza radicalmente a base produtiva e se substitui a liderança política do sistema capitalista (ARRIGHI, 2001: p. 42):

“Cada ciclo recebe o nome específico de agentes governamentais e empresariais que o definiu e conduziu o sistema capitalista mundial rumo à expansão material e, em seguida, à expansão financeira que, em conjunto, constituem o ciclo. Os sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação sobrepõem-se uns aos outros no início e no fim, porque as fases de expansão financeira foram não apenas o outono de evoluções importantes do capitalismo mundial, como também períodos em que um novo complexo governamental e empresarial surgiu e, com o tempo, reorganizou o sistema, tornando possível nova expansão.”

Essas crises são identificadas ao longo da história por três sintomas distintos, embora relacionados, como defende Arrighi (ARRIGHI, 2001: p. 38): “a intensificação da

competição interestatal e interempresarial; a escalada global dos conflitos sociais; e o surgimento intersticial de novas configurações de poder”, as quais seriam capazes de desafiar e vencer o antigo Estado hegemônico, que já estaria fragilizado.

Esses sinais de ruptura hegemônica acarretariam em caos sistêmico, desorganização sistêmica aguda e aparentemente irremediável, e em centralização das capacidades sistêmicas, ante o estado de ameaça do poder hegemônico, nas mãos do ora líder. Essas conseqüências levaram a nova hegemonia à reorganização do sistema e à imitação do novo poder hegemônico.

O mais importante nessas transições é que os sintomas de decadência da potência mundial estariam associados às grandes expansões financeiras sistêmicas, que desempenham papel bastante contraditório nessa dinâmica. Se por um lado, elas conferem uma efêmera sobrevida à hegemonia decadente; por outro, esses períodos econômicos em que haveria abundância de capitais baratos, que migram do mundo da produção e do comércio em direção aos empréstimos especulativos que resultaria numa crise de superprodução somada ao acirramento da disputa interestatal, potencializada pelo conseqüente impulso econômico que é dado ao crescimento interno dos países, pelos capitais circulantes nos mercados internacionais.

Com fulcro nesse fenômeno, Arrighi diagnostica que a expansão financeira dos últimos vinte anos do século XX é o sinal mais claro de que estamos em meio a uma crise de hegemonia, haja vista a enorme deterioração financeira do poder americano durante o período.

Ainda para o autor, esse estágio de enfraquecimento do poderio norte-americano deve-se: ao crescimento de seu endividamento externo, tornando-se o maior devedor mundial; ao deslocamento do poder mundial juntamente com o financeiro para o Leste asiático, sob liderança da empresa japonesa; ao fortalecimento das empresas multinacionais, apoiadas pelos EUA em seu alargamento pelo globo, que afetaram o poder dos Estados-nacionais em geral.

Fiori critica a tese arrighiana de que as grandes expansões financeiras seria o sinal do outono, decadência das hegemonias, como teria ocorrido com Gênova, Províncias Unidas, Grã-Bretanha e, mais recentemente, com os Estados Unidos.

Utiliza a argumentação da história econômica para rebaixar a importância de Gênova, uma espécie de cidade-banco, que financiava negócios de todo o tipo, como as Grandes Navegações; e das Províncias Unidas que sempre investiram e emprestaram dinheiro para governos e negócios de outros países, sem qualquer espécie de poder militar sólido. No

caso britânico, a expansão financeira do século XIX não ameaçou a hegemonia britânica, mas, pelo contrário, consolidou-a. A onda financeira do século XX também não arrefeceu o ímpeto imperialista dos EUA, mas o fortaleceu, possibilitando a difusão da lógica neoliberal da globalização financeira por todo o mundo.

Outro ponto merecedor de considerações, por parte de Fiori, é a falta de comprovação historiográfica de que o acirramento do conflito interestatal tenha levado, necessariamente, à crise de hegemonia. Como exemplo, elenca Era das Revoluções² como período de consolidação da hegemonia britânica, quando as inúmeras convulsões sociais deveriam representar o enfraquecimento do poderio britânico.

Por fim, a terceira crítica reside na falácia do argumento de que o poder ianque se teria fragilizado nas últimas décadas devido ao aumento de seu endividamento externo, perdendo a centralidade no controle financeiro do sistema monetário internacional. Para o sociólogo brasileiro, o italiano confunde o funcionamento do atual sistema monetário-financeiro, o dólar-flexível³, com os sistemas anteriores. Enquanto que nos padrões ouro e dólar-ouro, os países que emitiam a moeda central tinham que se preocupar com os desequilíbrios externos para impedir a desvalorização de sua moeda; no padrão hodiernamente vigente, não há qualquer tipo de restrição externa aos gastos públicos do hegemôn⁴, visto que não há a paridade com qualquer outro ativo financeiro e seus déficits são nomeados em sua própria moeda, bem como detém o poder de arbitrar o valor das outras moedas com a alteração de sua taxa de juros.

Logo, no pensamento de Fiori, não existe qualquer divisão do poder mundial com o Leste asiático, mas sim uma complementaridade estratégica no sentido econômico, fundamental para a sobrevivência do sistema de poder estadunidense. No sentido militar, não há qualquer evidência quer de disputa, quer de complementaridade, a não ser a comercial. Isso porque a expansão financeira decorrente do fim da Guerra Fria transferiu para os EUA uma centralidade militar e monetária sem precedentes da história da economia-mundo capitalista.

Fiori identifica, contudo, que os EUA poderão enfrentar dificuldades nas próximas décadas para manter o seu poder global, porém a origem desses percalços não deixa de estar relacionada como os problemas de um Império, antevistos por Lenin e Kautsky sobre

² Conceito empregado por Eric Hobsbawm em: HOBSBAWM, Eric J. A Era das Revoluções, 1789-1848. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

³ Expressão cunhada por Franklin Serrano em: SERRANO, Franklin. A economia americana, o padrão dólar flexível e a expansão mundial nos anos 2000. in: FIORI, J.L. O mito do colapso do poder american. Editora Record, Rio de Janeiro: 2008

⁴ Expressão utilizada por Charles Kindleberger (KINDLEBERGER, 1973)

a inevitabilidade da guerra e sobre a viabilidade de um supercapitalismo, gerido de forma condominial e pacífica pelas grandes potências ou corporações privadas que disputam o poder e a riqueza mundial, qual seja (FIORI, 2007: p.59):

“A história do século XX confirmou uma velha lei do sistema e deu razão a ambos porque os Estados e os capitais das grandes potências sempre competiram entre si e aturam, ao mesmo tempo, como oligopólio em relação aos adversários externos. Por isso, periodicamente, se transformaram em máquinas de guerra para, depois, se reorganizarem como um novo supercapitalismo.”

3. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo moderno

Imbuído da concepção neomarxista de *world-system*, Immanuel Wallerstein escreveu nos anos de 1970 sua tese sobre o sistema interestatal capitalista, o qual, assim como no pensamento arrighiano, estaria em expansão contínua, desde sua formação, no século XVI, na Europa, composto por uma economia-mundo capitalista e por um sistema interestatal, corroborando a ideia do centro de gravidade mundial de Braudel, sob a regência de três grandes potências hegemônicas, quais sejam, as Províncias Unidas, no século XVII; a Grã-Bretanha, no século XIX; e os Estados Unidos, no século XX.

O influente sociólogo estadunidense particulariza sua visão ao organizar seu pensamento em uma estrutura hierárquica dividida entre centro, semiperiferia e periferia, que foi amplamente utilizada por teóricos modernos na explicação dos países emergentes, sob a qual ele identifica a divisão internacional do trabalho, que unifica de alguma forma a economia-mundo, e a balança de poder, que norteia a competição interestatal (WALLERSTEIN, 1974: p. 162):

“We have now outlined the two main constituent elements of the modern world-system. On the one hand, the capitalist world-economy was built on a worldwide division of labor in which various zones of this economy (that which we have termed the core, the semiperiphery, and the periphery) were assigned specific economic roles, developed different class structures, used consequently different modes of labor control, and profited unequally from the working of the system. On the other hand, political action occurred primarily within the framework of states which, as a consequence of their different roles in the world-economy were structured differently, the core states being the most centralized.”

Portanto, essa divisão sistêmica seria ilustrada por uma economia-mundo capitalista cujos estados centrais iriam ficar entrelaçados numa situação de tensão econômica e militar constante, concorrendo pelo privilégio de explorar as áreas periféricas(e enfraquecer-lhes os aparelhos de Estado) e permitindo que certas entidades desempenhassem um papel intermediário especializado como potências semiperiféricas.

Nos anos de 1990, passou a identificar a crise terminal da hegemonia americana, discutindo os caminhos de uma nova era de caos e transição, a qual se vive hodiernamente. Seu pensamento conjuntural aponta para a década de 1970, como o momento responsável pela derrocada ianque, devido à derrota no Vietnã e ao rompimento do sistema de Bretton Woods.

O diferencial wallersteiniano é não apenas caracterizar o atual período como o de crise e transição da hegemonia norte-americana, mas também como o momento de crise terminal do próprio sistema mundial moderno, que se prolongaria até, no máximo, o ano de 2050. Acredita, assim, que daqui a 40 anos, não se pode precisar de haverá um hegemon, mas, certamente, viver-se-á um sistema internacional completamente distinto (WALLERSTEIN, 1995: p.209):

“De modo que a terceira benção, a igualdade, no melhor dos casos terá garantido aos estados Unidos entre 25 e 50 anos. Em algum momento, lá na frente, em 2025 ou 2050, chegará a hora do ajuste de contas. E o mundo estará diante do mesmo tipo de escolha que os Estados Unidos se defrontam agora. O sistema internacional marchará para uma reestruturação que será repressiva ou igualitária. (...) Claro que aqui estamos falando da extinção do sistema internacional atual e sua substituição por algo totalmente diferente. E é impossível prever o resultado. Estaremos num ponto de bifurcação e as oscilações aleatórias terão efeitos muito diferentes.”

Para Wallerstein, a hegemonia estadunidense seguiu o curso normal de suas três antecessoras. Todavia, sua última fase, a de declínio, foi acelerada pelos efeitos ideológicos e culturais dos protestos mundiais de 1968, que se prolongaram e terminaram com a dissolução comunista de 1989. Nesses vinte e um anos, identifica-se a desintegração da geocultura do sistema mundial moderno e de sua ideologia global, o liberalismo, tanto em sua versão anglo-saxônica quanto em sua versão leninista⁵.

⁵ No entendimento de Wallerstein, o leninismo foi apenas mais uma forma radical na mesma crença na possibilidade de reformismo racional e na capacidade dos Estados como agentes das mudanças econômicas e sociais.

A ideologia wilsoniana-leninista seria a formadora do pensamento único do século XX, comum às estratégias político-econômicas dos liberais e dos socialistas, as quais se confrontaram pela construção do Estado de bem-estar social e por todas as formas de desenvolvimento econômico.

Fiori rebate a tese wallersteiniana afirmando que o autor se recusa a seguir o atual posicionamento do consenso acadêmico no tocante à retomada da vanguarda tecnológica em quase todos os setores decisivos da economia, nos anos de 1980, não apenas no campo estratégico-militar, impondo, ao mesmo tempo, o dólar como moeda axial do novo sistema monetário internacional, sem base metálica ou padrão de referência, que não seja a própria moeda estadunidense, o chamado padrão dólar-flexível.

Outra crítica reside no argumento de que os acontecimentos entre 1789 e 1989, a luta envolvendo socialistas, conservadores e liberais foi apenas uma falsa batalha da modernidade, visto que, em algum momento, as três teorias defenderam o fortalecimento do Estado. No entanto, sabe-se que o conflito central entre as três correntes não foi travado em torno da defesa ou não do desenvolvimento, mas, como defende Fiori “*em torno de como e para qual classe desenvolver a riqueza das nações*” (FIORI, 2007: p.63)

A percepção de apocalipse do sistema interestatal capitalista moderno provocado pela contração dos lucros em escala planetária e pelos constantes e crescentes déficits públicos nacionais também é passível de ser refutada. Isto porque a dificuldade de embasá-la cientificamente é enorme, haja vista que não passa de um exercício futurístico agregado a uma análise conjuntural.

Parece contraditório se falar em *profit squeeze* e em endividamento público justamente no momento de grandes inovações tecnológicas que diminuem o trabalho necessário, aumento a acumulação de capital; de aumento da exclusão dos trabalhadores e enfraquecimento dos sindicatos em todo o mundo; da decadência da participação dos salários nas rendas nacionais; e, por fim, do padrão dólar-flexível, o qual favorece o endividamento do poder hegemônico, uma vez que é o controlador da moeda internacional que determina o valor de sua dívida por meio de manipulações na taxa de juros, o que transforma o endividar-se em uma dádiva, um privilégio, exclusivo do hegemônico.

4. José Luis Fiori e a teoria do universo em expansão

A pesquisa de J.L.Fiori, iniciada com a investigação conjuntural comparada da história política e econômica de Brasil e Chile dos anos 70, migrou do debate do desenvolvimento

na periferia para a discussão da hegemonia dentro do pensamento estruturalista latino-americano, em virtude da restauração liberal-conservadora dos anos 80, e seguiu com o acompanhamento das transformações econômicas e geopolíticas das décadas posteriores.

Ao contrário dos outros dois autores neomarxistas, Fiori entende que os Estados-economias-nacionais foram concebidos primeiro que o próprio sistema interestatal. Buscou nas guerras de conquista e na revolução comercial dos séculos XII e XIII a razão para a formação dos Estados e das economias nacionais europeias e para sua vitoriosa expansão mundial do século XVI, que culminou com a formação do sistema-mundo, a mundialização da lógica de poder europeia, nas palavras de Fiori (FIORI, 2007: p.27), “máquinas de acumulação de poder e riqueza, dotadas de compulsão expansiva”.

Guerras e tributos passaram a ser a principal atividade dos príncipes, que financiavam as empreitadas bélicas por meio do multiplicador contínuo da dívida pública. O aparecimento desse fenômeno, a necessidade europeia de acumulação de poder e do excedente produtivo, não pode ser explicada apenas pelo jogo das trocas⁶, mas pela união desse tabuleiro com o jogo das guerras⁷.

Esse movimento caminha sempre na direção da busca por mais poder. Para entender esse conceito volátil, é preciso adentrar na própria fenomenologia do poder, para o qual não há nenhuma relação social anterior, como nos ensina Fiori (FIORI, 2009: p. 334):

“O conceito de poder político tem mais a ver com a ideia de fluxo do que com a de estoque. O exercício do poder requer instrumentos materiais e ideológicos, mas o essencial é que o poder é uma relação social assimétrica indissolúvel, que só existe quando é exercido; e para ser exercido, precisa se reproduzir e acumular constantemente. A conquista, como disse Maquiavel, é o ato fundador que instaura e acumula o poder, e ninguém pode conquistar nada sem ter poder, e sem ter mais poder do que o conquistado. Num mundo em que todos tivessem o mesmo poder, não haveria poder.”

Em virtude disso, explica o porquê da pressão competitiva sobre os Estados e a centralidade da guerra nesse sistema. O elemento do poder seria a mola propulsora das relações internacionais. A incessante luta pelo poder é exprimida pela pressão competitiva gerada. Os Estados criam, ao mesmo tempo, ordem e desordem, guerra e paz. Esse movimento de constante fortalecimento de uns e retração de outros embasa a teoria do universo em expansão do autor. Sem a guerra, constante acumulação de poder, o sistema

⁶ Conceito cunhado por Fernand Braudel (BRAUDEL, 1996).

⁷ Conceito utilizado por J.L. Fiori (FIORI, 2004)

entraria em entropia. A preparação permanente para um conflito iminente não seria destrutiva, como a guerra é, mas sim virtuosa para o sistema. Isto porque o sistema só se estabiliza crescendo, expandindo-se. O esforço bélico força o aumento da produção a níveis máximos, o que faz aumentar o excedente e, conseqüentemente, a capacidade de tributar do Estado, que reflete a manifestação do poder do príncipe.

O autor instiga seus leitores a pensar o que estaria por trás da política defensiva de ataques preventivos dos Estados fortes. Ressaltando seu viés hobbesiano, questiona o porquê que os Estados estariam sempre em posição de defesa, preparando-se permanentemente para o ataque rival, embora sejam os primeiros a atacar. Quanto mais poderoso um Estado se revela, maior sua preocupação com a guerra.

Ao expor sua teoria do universo em expansão, Fiori defende ser a competição sistêmica o primeiro fator que propulsiona a luta pelo poder, pelas guerras, pela capacidade de tributar e pela busca incessante pela acumulação do excedente. No século XVI, quando o sistema interestatal foi configurado, ficou mais evidente que os Estados que se destacaram foram os mais expansivos e vencedores na corrida da acumulação de capital. Nesse diapasão, o regime de produção capitalista foi acoplado a essa dinâmica, fazendo da moeda um dos principais instrumentos na luta pelo poder global.

A expansão competitiva dos Estados-economias-nacionais europeus criou impérios coloniais e internacionalizou a economia capitalista, mas nem os impérios nem o capital internacional eliminaram os Estados e as economias nacionais, o que corrobora as teses críticas ao Imperialismo capitalista de Bukharin⁸, que destacava a relevância da internacionalização dos organismos nacionais; e de Hilferding⁹, o qual sustentava a necessidade de abrangência do espaço econômico supranacional de um Estado.

Seguindo a linha de pensamento desses dois autores da teoria do Imperialismo, Fiori enxerga o aclamado fenômeno da globalização como resultado da expansão vitoriosa dos Estados-economias nacionais, os quais conseguiram impor seu poder de comando sobre um território econômica supranacional cada vez mais amplo, junto com sua moeda, sua dívida pública, seu sistema de crédito, seu capital financeiro e suas várias formas indiretas de tributação.

Com base nesse raciocínio, o teórico brasileiro não vê o conceito de hegemonia, a despeito de considerada benéfica ou maléfica, como fator estabilizador do sistema, pelo contrário, o poder hegemônico está a todo o momento construindo e desconstruindo as

⁸ BUKHARIN; Nicolai. A Economia Mundial e o Imperialismo. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

⁹ HILFERDING, Rudolf. O Capital Financeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1985

estruturas da organização mundial, como forma de seguir praticando e aumentando seu poder.

Em cima desses argumentos, Fiori contraria e critica as posições de Arrighi e de Wallerstein sobre o assunto (FIORI, 2007: p.31):

“Muitos autores falam em hegemonia para referir-se à função estabilizadora desse líder dentro do núcleo central do sistema. Mas esses autores não percebem que a existência dessa liderança ou hegemonia não interrompe o expansionismo dos demais Estados, nem muito menos o expansionismo do próprio hegemom. Por isso, toda potência hegemônica é sempre, ao mesmo tempo, autodestrutiva, porque o próprio hegemom acaba desrespeitando as regras e instituições que ajudou a criar para seguir acumulando seu próprio poder, como se vê no caso americano após o fim da Guerra Fria(...) Neste universo em expansão que nasceu na Europa, durante o longo século XIII, nunca houve nem haverá paz perpétua¹⁰, nem sistemas políticos internacionais estáveis. Porque se trata de um universo que precisa de preparação para a guerra e das crises para poder se ordenar e se estabilizar. E através da história, foram quase sempre essas guerras e essas crises que abriram os caminhos da inovação e do progresso na história desse sistema inventado pelos europeus.”

Em seu artigo denominado “*O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI*”¹¹, Fiori constrói sua linha de raciocínio a partir do diapasão das relações internacionais e da geopolítica. Ao expor as diretrizes que guiaram a expansão mundial nas décadas de 90 e 2000, o autor critica as bases de teorias liberais que reinaram no período e propõe uma leitura alternativa do sistema mundial, fundamentada na teoria do universo em expansão contínua. Seu pensamento enfatiza que a desordem, crise e a guerra não seriam, necessariamente, sintomas do declínio americano, mas o que existe é o aumento da pressão competitiva dentro do sistema interestatal, que provoca a corrida imperialista entre as grandes potências. Os EUA precisariam, portanto, da competição interestatal para manter e expandir seu poder.

Ao resgatar o pensamento braudeliano, o teórico de Economia Política Internacional embasa sua tese da explosão expansiva, momento em que a competitividade é acirrada, no qual as potências mais fortes ampliam seu terreno em detrimento das mais fracas. Com isso, enquadra esses momentos históricos em quatro específicos, resultantes do aumento da pressão competitiva, quais sejam: entre 1150 e 1350; entre 1450 e 1650; entre 1790 e

¹⁰ Referência à homônima obra de Immanuel Kant.

¹¹ FIORI, J.L., *O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI*, in: FIORI, J.L., *O Mito do Colapso do Poder Americano*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

1914; e desde a década de 70 do século XXI. Assim, extrai fundamentos estruturais para uma melhor análise das conjunturas atuais.

Entende, assim, que a era imperialista americana, pós-1970, não significa sua fase de declínio, mas conseqüência da explosão expansiva do sistema. Ante a ameaça de sua condição privilegiada, os Estados Unidos retomaram as rédeas do controle financeiro por meio da imposição ao mundo do seu domínio da moeda internacional. A ruptura unilateral da ordem de Bretton Woods, criada pelos próprios estadunidenses, possibilitou o surgimento do sistema dólar-flexível, no qual a moeda não tem qualquer lastro, a não ser no poder americano. Esse poder financeiro aliado à inquestionável supremacia militar garantem ao país a intocável posição hegemônica, o que afasta o mito do colapso do poder americano.

Ao invés de previsões para o futuro, Fiori deduz algumas conclusões lógicas para os movimentos que se desenham no horizonte, que se confundem com suas premissas teóricas, dentre as quais cabe ressaltar: todos os países estão, por definição, insatisfeitos e dispostos a aumentar seu poder e riqueza; não está à vista o fim dos Estados-nacionais; não há a possibilidade de paz perpétua, tampouco de mercados equilibrados nesse contexto; grandes potências não buscam manter sua posição, mas sim incrementá-la; não há a menor possibilidade da liderança da expansão econômica do capitalista sair de outro grupo que não o cluster de grandes potências; e, por fim, o surgimento e a ascensão veloz de uma potência emergente serão sempre um fator desestabilizador do núcleo central do sistema, porém, a condição de maior desestabilizador permanecerá nas mãos do poder hegemônico.

Portanto, ao longo de sua teorização, Fiori sustenta que o sistema interestatal contemporâneo não foi consentidamente construído, mas sim conquistado pelos europeus, desde seu movimento expansivo iniciado no longo século XIII até sua consolidação ao longo século XVI braudeliano¹², sob a dinâmica, sempre válida, da incessante e permanente acumulação de riqueza e de poder.

5. Conclusão

Por fim, cabe encerrar a corrente discussão, mais uma vez, ressaltando a posição teórica dos três autores. Suas divergências enriquecem ainda mais uma análise apurada do sistema mundial, pois confere a oportunidade de debatê-lo sob prismas distintos.

12 Conceito cunhado por Fernand Braudel (BRAUDEL, 1996)

Os fundamentos teóricos abordados revelam que os três partem de premissas semelhantes, no tocante à pressão competitiva interestatal e à dinâmica de desenvolvimento desigual e combinado do sistema de produção capitalista. A inspiração neomarxista, mesmo que de graus de intensidade diferentes, conduz o pensamento dos autores de Economia Política Internacional oferece a seus leitores uma visão crítica e alternativa do padrão liberal conservador, ao qual estão vinculadas outras correntes desse campo de pesquisa.

Essa postura contrarreactionária e questionadora da ordem vigente favorece o desenvolvimento da teoria para além dos ciclos de poder hegemônico. Os construtos teóricos de Wallerstein, Arrighi e Fiori contribuem para a discussão abrangente, que abarque também os países periféricos, comumente excluídos das análises de cunho anglo-saxão.

Essa compreensão mais ampla e mais crítica favorece um entendimento mais apurado da conjuntura contemporânea. Nesse ponto, as divergências entre os três autores exercem papel enriquecedor no debate, pois, apesar do ponto de partida semelhante, chegam a conclusões distintas.

Fiori, por exemplo, em relação ao sistema internacional capitalista contemporâneo, vai de encontro à teoria de Arrighi e de Wallerstein, quando contesta uma possível fase de outono da potência hegemônica ou uma factível substituição da nova ordem internacional em meados do século XXI. Tanto o estadunidense quanto o italiano foram influenciados pela obsessão dos anglo-saxões, na década de 1980, de discutir a crise da hegemonia americana, influenciados pelos traumas dos anos 1970, com a crise do dólar, a derrota no Vietnã e com a rebeldia social da contracultura.

Ao contrário dessa percepção, Fiori sustenta que, desde os anos 70, o sistema saiu da entropia do pós-guerra e entrou em fase de crescimento, propiciada pela quarta explosão expansiva sistêmica, com periódicas expansões e retrações, tese corroborada em sua teorização. Com a década de 1990 veio a ilusão do crescimento econômico contínuo e os rendimentos financeiros gigantescos, ocasionados pela vitória na batalha ideológica mundial.

No entanto, a cortina de fumaça da prosperidade global dissipou-se com o aumento da concentração de riqueza e a deterioração das condições sociais em escala global. Além disso, a crise político-institucional decorrente da posse de George W. Bush, a desaceleração da economia a caminho da recessão e os fracassos militares dos EUA expuseram a estratégica imperialista do poder hegemônico, que hoje reluz explicitamente.

O fim da bipolaridade da Guerra Fria permitiu a retirada de qualquer ordenação exógena do sistema. A multipolaridade possibilita a expansão acelerada, contínua e desordenada dos Estados, em meio ao acirramento da competição interestatal. O que ocorre nas crises hodiernas é que devido ao grande aumento de poder relativo diante das vitórias na Guerra Fria e na Guerra do Golfo, é natural que haja perdas relativas, que não abalam, todavia, a estrutura hegemônica estadunidense, ao contrário do que pensam muitos especialistas de conjuntura internacional.

Tendo em vista essas transformações, percebe-se a expansão do poder do capital financeiro, que cresce à medida do poder político. Nas últimas décadas, verifica-se o deslocamento do centro dinâmico da acumulação capitalista mundial para o Leste asiático, corroborado pelo casamento financeiro sino-americano¹³, díade que sustenta a economia mundial. Devido ao dinamismo do comércio chinês, a China emerge como centro articulador e perifizador do resto da economia mundial.

Fiori ressalta, atualmente, a importância do matrimônio conveniente estabelecido entre a globalização americana e o milagre econômico chinês para a sustentação da estrutura de poder americano. No entanto, esse robusto crescimento chinês não ameaça o controle dos EUA sobre o sistema monetário internacional, ao contrário, o corrobora e o fortalece. O sistema dólar-flexível não possui qualquer outro padrão de referência que não seja o poder global dos EUA, o que envolve a credibilidade dos títulos de sua dívida pública, que, por sua vez, tem como um de seus grandes financiadores o capital chinês.

O fato do centro nevrálgico da nova competição geopolítica mundial residir no eixo EUA-China não implica dizer que o poder americano está em decadência ou o próprio sistema interestatal anglo-saxão aproxima-se de seu apocalipse. Pelo contrário, a complementariedade econômica dos dois gigantes propicia a expansão capitalista mundial e contribui para a manutenção do poderio estadunidense. É exatamente essa aparente estabilidade que desestabiliza o sistema e permite que o núcleo central das grandes potências continue a ditar os rumos da política internacional.

Diante do que foi exposto ao longo do texto, é imperioso concluir que uma análise comparativa dos três teóricos contribui substancialmente para a compreensão acerca do fenômeno da hegemonia e da dinâmica do sistema interestatal contemporâneo, visto que Arrighi, Wallerstein e Fiori propõem o que há de mais importante para um debate teórico, uma visão crítica e abrangente, tanto dos fatores estruturais quanto dos conjunturais.

¹³ Expressão utilizada por Maria da Conceição Tavares em: TAVARES, M. C. A crise financeira atual. Paper apresentado em palestra no Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro em 30 de abril de 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERNETHY, D. *The Dynamics of Global Dominance*. New Haven: Yale University Press, 2000.
- ARRIGHI, G. *O Longo Século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994
- _____, *Caos e governabilidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001
- _____, *Adam Smith em Pequim. Origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- BACEVICH, A. J. *American Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- BENSEL, R. F., *Yankee Leviathan. The origins of central state authority in America, 1859-1877*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BRAUDEL, F. *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- _____. *A Dinâmica do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*. Volume II: o jogo das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- _____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*. Volume III: o tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.
- BUKHARIN; Nicolai. *A Economia Mundial e o Imperialismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- FERGUSON, N. *Empire. How Britain made the modern world*. London: Pinguin Books, 2004
- FIORI, José Luis. *O Poder Global e a Nova Geopolítica das Nações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007
- _____. “O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites”. IN: FIORI, José Luis. *O Poder Americano*. Petrópolis: Ed.Vozes, 2004.
- _____. “Formação, Expansão e Limites do Poder Global.” IN: FIORI, José Luis. *O Poder Americano*. Petrópolis: Ed.Vozes, 2004.
- _____. “O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI”. IN: FIORI, J.L. *O Mito do Colapso do Poder Americano*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- _____. “O Mundo Como Ele É”. *Revista OIKOS*. Vol. 8 n° 2 pp. 323-328 jun-dez, 2009.
- HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *A Era do Capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

- _____. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989
- KEOHANE, Robert. *After Hegemony*. New Jersey: Princeton University Press, 1984.
- KINDLEBERGER, Charles. *The World in Depression: 1929-1939*. Los Angeles: University of California Press, 1973
- _____. *World Economic Primacy 1500-1990*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- KISSINGER, H. *Does America need a foreign policy?. Toward a diplomacy for the 21st Century*. New York: Simon&Schuster, 2001
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MCNEILL, W.H. *The Pursuit Of Power*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984
- MEARSHEIMER, J.J., *The Tragedy Of Great Power Politics*. New York: W.W. Norton & Company, 2001
- SERRANO, Franklin. “A economia americana, o padrão dólar flexível e a expansão mundial nos anos 2000”. IN: FIORI, J.L. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- TAVARES, M.C., “A Retomada da Hegemonia Americana” IN: *Revista de Economia Política*, vol.5, n°2, São Paulo: Brasiliense, abril-junho 1985.
- _____, *A crise financeira atual*. Paper apresentado em palestra no Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro em 30 de abril de 2009.
- _____ e MELIN, L.E. “Pós-escrito 1997: a reafirmação da retomada da hegemonia norte-americana”. IN: FIORI, J.L. e TAVARES, M.C. (1997), *Poder e Dinheiro-Uma economia política da globalização*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1997.
- _____ e BELLUZZO, L.G., “A mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano”. IN: FIORI, José Luis. *O Poder Americano*. Petrópolis: Ed.Vozes, 2004
- TILLY, C., *Coerção, Capital e Estados Europeus*. São Paulo: Edusp, 1992
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World System*. New York: Academic Press, 1974.
- _____. *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- _____. *Após o Liberalismo. Em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- _____. *World-System Analysis*. London: Duke University Press, 2004.
- WALTER, A., *World Power and World Money*. London: Harvester Wheatsheaf, 1993